

O papel do escritor latino-americano em *Viagem ao México*

Angela Mascarenhas Santos

Faculdade de Letras, UFBA

Resumo

Em sua escrita ficcional, teórica e crítica, o escritor brasileiro Silviano Santiago reflete sobre o papel e a responsabilidade do intelectual e da literatura latino-americanos diante do enfrentamento da dependência cultural oriunda dos processos de colonização. O presente trabalho investiga como se opera essa reflexão no interior do romance *Viagem ao México*. Para tanto, parte do entrecruzamento dos discursos teórico-crítico e ficcional desse escritor e retoma suas noções de “entrelugar” e de “literatura anfíbia”. O modo como a narrativa conjuga elementos artísticos e políticos, cumprindo a “dupla meta ideológica” característica da literatura latino-americana, segundo definição do próprio escritor, constitui objeto de análise do trabalho. Este examina, ainda, os retratos da América Latina presentes no texto narrativo, que se encontram atravessados pela crítica à colonização e à reduplicação da Europa no Novo Mundo. Da leitura promovida pode sustentar-se que, também no seio da escrita ficcional, Silviano Santiago propõe, como responsabilidade do intelectual latino-americano, ocupar um “entrelugar” entre as referências culturais autóctones e europeias, que lhe permita exercer uma postura reflexiva, crítica e transgressora.

(...) *Outro-do-Occidente-dentro-do-Occidente, que é a América Latina (...)*
Silviano Santiago, *O cosmopolitismo do pobre*

No desenvolvimento de seu trabalho ficcional, teórico e crítico, o escritor brasileiro Silviano Santiago reflete insistentemente sobre o papel do escritor latino-americano diante da dependência cultural resultante dos processos de colonização, que vem sendo reativada na era dita globalizada. O presente trabalho parte do entrecruzamento dos discursos teórico-crítico e ficcional para investigar como o escritor levou essa reflexão para o interior de seu texto ficcional, especialmente o romance *Viagem ao México* (Hoisel, 2008).

O entrecruzamento discursivo constitui um dos traços característicos da produção de Silviano Santiago, muito em função de sua formação plural e da diversidade das experiências profissionais vivenciadas ao longo da carreira.

Em que pese abordar uma pluralidade de assuntos em seus trabalhos, a dependência cultural das nações latino-americanas configura como um de seus principais temas de reflexão, ao qual ele dedicou não apenas ensaios e artigos, mas também abordagens ficcionais, como, por exemplo, o romance *Viagem ao México* de 1995.

Em face da dependência cultural, o escritor dedica especial atenção ao que ele denomina de dilema do intelectual latino-americano, consistente em submeter-se inteiramente ao modelo etnocêntrico ou de negá-lo em sua totalidade e voltar-se para a ancestralidade autóctone. A esse dilema, Silviano Santiago (1978; 1982) elege como alternativa a constituição de um lugar intermediário “entre” os dois extremos, uma vez que, diante da introdução dos elementos da cultura dominante, não há meio de recusar-lhe as influências, além do que a extinção de muitos elementos das culturas autóctones impede o seu resgate integral. Esse “entrelugar” permite ao intelectual a observação, a análise e a interpretação dos diversos elementos culturais responsáveis pela sua formação.

Como resultado de suas elaborações em torno desse “entrelugar”, o escritor sustenta que a dependência cultural dever ser assumida pelo intelectual latino-americano como algo inevitável, só que tal assunção não se dá de modo pacífico e ordeiro, mas acompanhada de uma postura crítica e transgressora. Para tanto, cabe ao intelectual selecionar aquilo que, na tradição etnocêntrica, abre espaço para a transgressão, aquele aspecto da tradição que, alcançando uma potência extrema, salta em direção ao outro, num legítimo movimento de “repetição” em “diferença”.

Para fundamentar essa postura crítica e transgressora, Silviano Santiago propõe que seja adotada a noção de “diferença” cunhada a partir das propostas teóricas de Jacques Derrida (1991; 1995; 2006) e Gilles Deleuze (2006a; 2006b), aliado a outros aspectos das teorias da desconstrução e da reversão do platonismo. A escolha desse referencial teórico para pensar os textos produzidos sob a égide da dependência cultural decorre do fato desse conjunto rejeitar os conceitos previamente concebidos acerca do “outro” e considerar a “diferença” como traço positivo, desde quando os trabalhos desses dois filósofos provocam uma ruptura no pensamento metafísico de origem platônica, relacionado à existência de um centro único, de uma origem, onde reside a Ideia. Por meio dessas propostas teóricas, a “diferença” sai do lugar de inferioridade, ao qual foi relegada por força do pensamento metafísico ocidental fundado na identidade, e assume sua força afirmativa como potência primeira, como possibilidade de significação dentro de um determinado sistema, fora do qual inexistente sentido preestabelecido.

Desta forma, munidos dessas perspectivas teóricas, partimos para o exame do modo como elas foram acionados no romance *Viagem ao México*, especialmente no que diz respeito ao papel do escritor latino-americano. Esse texto constitui uma prosa limite, um misto de romance, diário, biografia e ensaio, que rompe as já frágeis fronteiras dos gêneros literários (Hoisel, 2008). Relata a viagem do dramaturgo francês Antonin Artaud ao México, realizada no ano de 1936, com o objetivo de buscar na cultura ancestral mexicana elementos de renovação do decadente teatro burguês ocidental e da sociedade europeia. Apesar de acolher na narrativa diversos dados históricos e biográficos de Antonin Artaud e do próprio Silviano Santiago, trata-se de uma escrita ficcional.

Paralelo à narrativa da viagem de Antonin Artaud, Silviano Santiago traça um esboço da situação da América Latina no início do século XX, pondo-o em cotejo com a situação do continente no final do mesmo século. Com isso, suscita a reflexão em torno da responsabilidade do intelectual latino-americano diante do espectro da dependência, até porque promove um verdadeiro desfile de vários intelectuais proeminentes na época.

O texto mostra-nos um período político, cultural e social importante para o México, bem como para as demais ex-colônias ibéricas: momento de afirmação de uma identidade nacional pretensamente característica de um país moderno, merecedor de inserção no Ocidente.

Convém chamar a atenção, em princípio, para o fato de que a noção de identidade proposta por Silviano Santiago não tem um caráter fechado, rígido, apegado à semelhança ou às noções de pureza e autenticidade, mas, ao contrário, ele a considera como algo aberto, flexível, formada a partir da afirmação da “diferença”, passível de deslizamentos e de múltiplas significações, enfim, uma identidade em devir.

Como não podia deixar de ser, tratando-se de um dos temas de interesse de Silviano Santiago (2004), ele examina esse mecanismo de construção identitária, dentre outros ensaios, em “O cosmopolitismo do pobre”. Na oportunidade, o exame da questão caminha pelo viés do multiculturalismo, que apresenta pelo menos duas formas. Os estudos culturais trabalham com outras possibilidades de multiculturalismo (*v.g.*, Hall, 2003), mas nos deteremos naquelas apresentadas no ensaio ora mencionado. Então, uma primeira e mais antiga refere-se exatamente ao período da expansão colonial, quando os europeus, munidos de um projeto de dominação, faziam de todos os povos autóctones suas cópias, recalcando as diferenças culturais. Esse multicultural-

lismo, interessado na organização das diferenças, tem como fundamento o fortalecimento de comunidades imaginadas, de caráter limitado (não co-extensivo à humanidade) e soberano (responsável pelos seus próprios destinos, que não suporta interferência externa). Com isso, impõe-se que as diferenças internas sejam recalçadas e, mesmo, reprimidas em função de um todo nacional, pretensamente íntegro, patriarcal e fraterno. Assim, a “(...) construção do Estado pelas regras desse multiculturalismo teve como visada prioritária o engrandecimento do Estado-nação pela perda da memória individual do marginalizado e em favor da artificialidade da memória coletiva” (Santiago, 2004: 58).

No mesmo ensaio, o escritor apresenta outra forma de multiculturalismo, elaborado com base em concepções multirraciais e transnacionais que emergem dos países periféricos e, até mesmo, dos hegemônicos. Com essa nova proposta, o Estado-nação perde seus limites e passa a ser co-extensivo à noção de humanidade. A noção de soberania também é questionada em função de modelos “civilizacionais”. Essa segunda forma de multiculturalismo pretende contemplar as minorias localizadas no interior de cada Estado-nação e resgatar as culturas anteriormente recalçadas. Ao perder a feição inicialmente imaginada para o Estado-nação, esse passa a ter uma configuração cosmopolita, contemplando, inclusive, os moradores marginalizados ao longo do seu processo de constituição, atores culturais pobres que assumem uma postura cosmopolita principalmente ao assumirem a titularidade de seus discursos, ao falarem por eles mesmos para todo o mundo, ao possibilitarem o estreitamento do contato com culturas afins em outros países, notadamente os países de África.

Nesse sentido, ao examinar as questões relativas à dependência cultural dos países europeus, renovada em face dos Estados Unidos, Silviano Santiago propõe que a construção do discurso identitário latino-americano deve priorizar o desrecalque das diferenças em face dos traços etnocêntricos, a afirmação positiva dessas diferenças, a transgressão do traço unificador e planificador que a identidade guarda em si. Logo, a afirmação dessa identidade passa pela afirmação da “diferença” e não o contrário.

Em assim procedendo, o escritor não deixa escapar o fato de que a concepção de toda e qualquer “identidade” e, mais que isso, a concepção mesma de América são conceitos forjados, decorrentes de construções imagéticas, de elaborações ficcionais coletivas. Até mesmo por isso, o desafio assumido por Silviano Santiago em seus textos, portanto, consiste em pensar numa noção de *identidade* que não recalque essas *diferenças* e, para isso, ele utiliza a “diferença” e demais elementos das teorias desconstrutora e de reversão do platonismo como operadores de leitura.

Assim sendo, quando se fala, neste trabalho, em identidade e em latino-americanidade, deve-se considerar como uma noção acolhida sob rasuras.

Retomando, portanto, o eixo deste artigo, tem-se que as ex-colônias ibéricas têm alguns elementos simbólicos em comum que nos permitem pensar em uma latino-americanidade, a despeito das singularidades de cada uma delas. Foram “inventadas” pelo europeu a partir do fim do século XV, submetidas a um processo de colonização e de exploração semelhantes e galgaram a independência em função do desenvolvimento do capitalismo e da necessidade de ampliação do mercado consumidor para a grande potência capitalista da época, a Inglaterra.

Assim que as independências das ex-colônias têm início no ano de 1804 com o Haiti, concluindo-se em 1898 com a independência de Cuba. Todo esse processo teve por traço a transferência do poder político e econômico para as elites instituídas em cada colônia (formada por hispânicos instalados na colônia e seus descendentes aqui nascidos, os crioulos), sem alteração profunda na estrutura social. A minoria conservadora e beneficiária da agroexportação assumiu a liderança das ex-colônias, em detrimento da maioria da população, constituída, principalmente, por mestiços que não ascenderam socialmente. Não havia o interesse, portanto, de discutir os ideais de liberdade e igualdade, mas, apenas, de transferir a titulari-

dade dos poderes político e econômico, mantendo-se as mesmas estruturas e estratificações sociais.

Os processos de independência abriram um espaço para um outro tipo de dominação econômica sobre a América, assumido inicialmente pela Inglaterra e, posteriormente, pelos Estados Unidos, circunstância que contribuiu para a manutenção das várias formas de dependência dos países latino-americanos.

No início do século XX, as estruturas social e política instituídas a partir da independência passam a ser questionadas pelos grupos sociais excluídos das instituições de poder. Algumas reações populares começam a surgir. Associadas a essas reações, a nascente burguesia industrial manifesta descontentamento com a manutenção dos poderes pelas antigas oligarquias. A industrialização crescente influencia a organização social das colônias, acarretando uma aceleração na urbanização e redimensionando as relações de trabalho, que começam a considerar a existência de um novo elemento: o proletariado. Esses traços são todos associados à feição assumida pela modernidade no período, que força a entrada nas ex-colônias.

O espírito nacionalista vigente no início do século XX, acentuado após a primeira guerra mundial notadamente na Alemanha e na Itália, termina por repercutir em vários outros países, inclusive nas nações latino-americanas, propiciando a instalação de ditaduras nacionalistas.

O resumo histórico ora efetuado tem o condão de elucidar a peculiaridade do momento social e político atravessado pelas ex-colônias latino-americanas no início do século XX. A tônica dominante era ingressar na modernidade, tornar-se contemporâneo do restante do Ocidente. Nesse sentido, *Viagem ao México* traz-nos alguns retratos desse período histórico da América Latina, a exemplo dessa passagem:

Parece que esses hispanos acabam de descobrir a pólvora da modernidade que, por aqui, leva o nome de História. Como não têm à mão os canhões da história, explodem nos livros o barril da própria inteligência. Querem inventar vias de acesso aparentemente iconoclastas para ingressar no cobiçado oásis da razão européia. (Santiago, 1995: 231-232)

O trecho integra a fala de Artaud num diálogo travado com o narrador sobre Aleixo, um escritor cubano que encontra na rápida passagem por Cuba. Compara-o a Torres Bodet, que, diante da singularidade manifestada no interior da narrativa, foi elevado a posição de um “tipo humano” representante do intelectual latino-americano adepto do projeto modernizador acima citado nas nações da América Latina. Emerge do trecho a crítica a essa proposta modernizadora, cujo efeito único é fazer do Novo Mundo mera cópia do Velho Mundo. O narrador endossa a crítica feita por Artaud, mas a devolve na mesma medida, pois logo na sequência lembra que “[um] dos barris de pólvora de maior circulação por aqui foi pedido de empréstimo ao que (...) lá na Europa chamam de vanguarda, [diz] sarcasticamente” (Santiago, 1995: 232). Os retratos construídos pela narrativa são todos atravessados pela crítica à reduplicação da Europa buscada pelo Novo Mundo, associada à manifesta impossibilidade de retorno e resgate total da cultura autóctone devastada, figurando, o projeto de Artaud, como indicativo dessa impossibilidade.

Prosseguindo nessa passagem do romance, que se reporta ao diálogo entre Artaud e Aleixo, percebe-se o propósito da narrativa em rejeitar o expediente da mera cópia como estratégia de formação do continente latino-americano, ao mesmo tempo em que valoriza a repetição quando operada em “diferença” porque ela rasura a dicotomia original/cópia. É o que se lê neste trecho:

Perguntei ao Aleixo se ele, que tinha me dito ter ouvidos afinados pelo melhor da música clássica, não tinha escutado o diálogo entre o templo grego e a palmeira real pelas ruas e jardins da Havana dele, e se, no diálogo dos dois, estava designado a priori o lugar de um como origem e

da outra como fim, ou se o tempo e a palmeira já não estavam indistintos na origem e no fim. Qual dos dois lhe parecia mais justo historicamente. Quem é plágio de quem, foi o que lhe perguntei finalmente. (Santiago, 1995: 234)

Diante do papel da literatura na construção da identidade da América Latina, as reflexões lançadas no texto ficcional em torno da reduplicação do Velho Mundo e da repetição em “diferença” influenciam na absorção desta como elemento constitutivo, até porque ataca as acepções de origem, fonte e influência tradicionalmente utilizadas na interpretação da identidade latino-americana.

Para continuar na ambientação histórica do romance, antes, contudo, de focarmos nossa atenção para o contexto histórico do México de 1930, oportuno inserir um parêntese para ressaltar que esse discurso de inserção na modernidade ocidental, verificado no início do século XX, também não teve o condão de alterar substancialmente as estruturas sociais instaladas nas ex-colônias. Novamente se opera apenas uma alteração na titularidade dos poderes político e econômico, mantendo-se as regras gerais de concentração de riqueza e poder por uma minoria privilegiada, enquanto a maioria da população continua relegada aos bolsões de pobreza. A utopia moderna de melhoria na qualidade de vida de toda a população mundial mantém-se no plano estritamente utópico, pois somente uma minoria tem acesso a essa melhoria, reafirmando-se as contradições do projeto de modernidade.

Especificamente quanto ao México, em que pese a constatação das circunstâncias gerais acima resumidas, que envolveram a independência das ex-colônias americanas, o processo de independência e sua afirmação enquanto estado nacional foi marcado por grande instabilidade política. Como afirma Octavio Paz (1984: 113), “[d]urante mais de um quarto de século, numa luta confusa que não exclui as alianças transitórias, as mudanças de lado e até mesmo as traições, os liberais tentam consumir a ruptura com a tradição colonial (...)”. Esse era o grande desafio de todas as ex-colônias: romper com a herança colonial e acolher os traços do liberalismo que lhe permitissem “adentrar” no mundo moderno. O espírito de instabilidade política no México, ainda constatada na década de 1930, também foi fotografado pela lente do narrador/viajante ao ceder a palavra à personagem Torres Bodet, nos termos ora destacado:

(...) Cardoza sempre soube se virar muito bem, mesmo porque vida de exilado político no meu país –o adido corta a frase ao meio, muda de idéia e decide dar um fim a ela– não é nada fácil. Sem quê nem porquê, da noite para o dia, qualquer um pode ser levado pelo turbilhão das contradições mexicanas e ser sacrificado sem dó nem piedade. Entre dezembro de 34 e maio de 35 houve mais de quinhentas greves de trabalhadores. Pode imaginar como cabeças tiveram de rolar para que a vida pública voltasse a funcionar comme il faut. O presidente Cárdenas – desta feita Bodet desiste de dar seguimento à frase. (Santiago, 1995: 285)

Por meio da instabilidade política mexicana no início do século XX, Silviano Santiago fala da instabilidade política verificada nas nações latino-americanas na segunda metade desse mesmo século, resultante da instalação de ditaduras militares e civis (Argentina 1966-1984; Brasil 1964-1985; Paraguai 1954-1989; Chile 1940-1989, dentre outras). O livro foi publicado em 1995, quando muitos países da América Latina estavam adaptando-se ao regime democrático de governo. Em função disso, o escritor/intelectual teria que saber virar-se muito bem para, sem se despir de sua atuação reflexiva, de seu papel crítico, viver em meio a realidades de tensão e conflito.

A reflexão sobre o papel do escritor e da literatura latino-americanos na atualidade tem sido uma questão recorrente na produção de Silviano Santiago. No ensaio “Uma literatura anfíbia” (Santiago, 2004a), por exemplo, ele nos fala da “dupla meta ideológica” da literatura brasileira, ao conjugar elementos artísticos e políticos em sua constituição. Quanto ao alcance dessas duas finalidades, esclarece que:

Por um lado, o trabalho literário busca dramatizar objetivamente a necessidade do resgate dos miseráveis a fim de elevá-los à condição de seres humanos (já não digo à condição de cidadãos) e, por outro lado, procura avançar – pela escolha para personagens da literatura de pessoas do círculo social dos autores – uma análise da burguesia econômica nos seus desacertos e injustiças seculares. Dessa dupla e antípoda tônica ideológica – de que os escritores não conseguem desvencilhar-se em virtude do papel que eles, como vimos, ainda ocupam na esfera pública da sociedade brasileira – advém o caráter *anfíbio* da nossa produção artística. (Santiago, 2004a: 66)

Em se tratando, portanto, de uma produção artística anfíbia, que está dentro e fora da tradição etnocêntrica, que assume um (entre)lugar de fala deslizante, sua responsabilidade social é acentuada pela possibilidade de criticar e denunciar os efeitos desastrosos da dominação (neo) colonial. Essa atuação artística conjunta com a atuação política traduz-se numa característica peculiar ao escritor brasileiro.

Por isso que Silviano Santiago, enquanto escritor latino-americano, assume duplamente sua responsabilidade crítica ao levar para o centro da ficção o questionamento promovido em sua produção teórica quanto ao papel do intelectual latino-americano. Isso pode ser constatado, na narrativa, no momento em que o escritor ficcionaliza a relação de vários intelectuais mexicanos com as estruturas de poder após a consolidação da Revolução Mexicana.

O México, em plena década de 1930, está definindo os seus contornos identitários, constituindo-se a si mesmo. Ao retornar ao passado, depara-se com dois paradigmas que não mais encontram espaço na sociedade pretensamente moderna em constituição: o índio e o espanhol. Por isso, nesse retorno ele nega o passado colonial e opta por constituir-se com um traço de universalidade, o que o aproxima do racionalismo francês, de onde passa a buscar suas inspirações. Tais escolhas são feitas e assumidas pelo mexicano, em sua solidão, sem que se admita uma interferência direta estrangeira (Paz, 1984).

Em face de todo esse cenário, um intelectual estrangeiro com os propósitos de Antonin Artaud não é bem vindo ao México, fato que fica evidenciado desde o seu primeiro contato com Torres Bodet, adido cultural do México com o qual se encontra ainda na França, como se infere da passagem que se segue:

Um cantinho recôndito do cérebro de Torres Bodet se lembra das novas medidas aprovadas pelo atual governo mexicano na legislação dos Meios de Comunicação. Elas visam não só proibir a circulação no país de jornais e revistas que denigrem a imagem pública da nação ou que ameaçam o poder instituído, como penalizar os infratores. E o cantinho do cérebro lhe pergunta, reestruturando o seu ego combalido pelas sucessivas interrupções fora de hora: em solo mexicano e diante de um representante diplomático do país, será que esse franchinote tem o direito de se pavonear de mestre e senhor em matéria tão complexa quanto a primitiva civilização dos astecas? será que tem o direito de querer nos ensinar como incorporar à moderna sociedade mexicana a tradição indígena? (Santiago, 1995: 109-110)

Outra passagem integrante do mesmo diálogo havido entre Artaud e o adido cultural deixa mais evidenciada a feição nacionalista do governo naquele momento e a intolerância quanto à interferência estrangeira, notadamente se estiver voltada para o passado autóctone:

Estou falando dos exageros tanto do mexicano que acolhe entusiasmado o viajante quanto do estrangeiro que nos vem visitar. Mazombos e gringos, os dois se confundem numa mescla intolerável de rejeição ao presente e é por isso que são perigosos neste momento tão delicado de construção do México moderno e desenvolvido. Só o historiador isento de paixões abstratas pode contribuir com o equilíbrio necessário para acabar de vez com os extremos sócio-econômicos que ensangüentam os países de passado colonial, como os da América Latina (Santiago, 1995: 109-110)

O modo de apropriação desse passado pelo mexicano não coincide com as proposições artísticas de Artaud. E nem poderia coincidir, uma vez que este busca elementos para recuperar a magia da vida francesa, totalmente ofuscada pelo estilo moderno burguês, ao passo em que o mexicano nem mesmo experimentou esse estilo de vida, desejando de todas as maneiras adentrar na modernidade. Por esse motivo Torres Bodet assim se manifesta quanto às propostas artaudiana em face do passado asteca: “(...) isso tudo, meu caro amigo, são coisas do passado nacional e é melhor que fiquem por lá” (Santiago, 1995: 111).

A concepção de Torres Bodet quanto ao passado mexicano coaduna-se com as propostas nacionalistas preocupadas em fazer o país ingressar na modernidade. A última passagem transcrita em destaque, até mesmo, elucida o peso do discurso Histórico na construção do Estado-nação, em detrimento dos discursos etnológico e antropológico. Essa opção pela História na construção da nação e de sua identidade é objeto de crítica no romance, como se lê da fala do protagonista: “(...) Quem disse que ela [a História] recupera os valores do Homem? A História sempre eliminou a ferro e fogo, sem dó nem piedade, os elementos transcendentais da Vida que ela ia julgando espúrios (...)” (Santiago, 1995: 116). A posição crítica coaduna-se com a posição de Silviano Santiago, que compreende a história como linguagem, rasurando o seu poder de verdade e sua hierarquia em face dos demais discursos.

No entanto, em que pese todos os seus equívocos, a proposta nacionalista de construção da nação mexicana recebeu o apoio da maioria dos escritores e intelectuais mexicanos da época. A frequente vinculação de escritores aos projetos de governo nos países latino-americanos no início do século XX pode ser atribuída aos baixos índices de alfabetização desses Estados, circunstância que dificulta a formação de um público e, como corolário, impede que os escritores sobrevivam desse ofício (Canclini, 1989). Muitos deles chegam a assumir cargos públicos e fazer carreira como funcionários públicos, o que comprometeria sua independência ideológica.

Ao analisar o papel dos intelectuais no curso da Revolução Mexicana, Octavio Paz (1984) afirma que eles tornaram-se os conselheiros dos revolucionários que assumiram o poder. A ausência de um projeto prévio, na forma acima antecipada, resultou num imenso trabalho para esse grupo, responsável por compor a sustentação ideológica do governo revolucionário. Em função disso, contudo, “(...) perderam a independência e sua crítica tornou-se diluída, à força da prudência ou do maquiavelismo (...)” (Paz, 1984: 141). De modo ainda mais categórico, Octavio Paz (1984: 141) sustenta que a “(...) ‘inteligência’ mexicana, no seu conjunto, não pôde ou não soube utilizar as armas próprias do intelectual: a crítica, o exame, o juízo (...)”.

Esse quadro não deixou de ser contemplado pelo romance, no qual se verifica o desfile de vários intelectuais proeminentes no início do século XX, todos envolvidos com os projetos de nacionalismo e de modernidade do governo Cárdenas. Além de Torres Bodet –cuja descrição, no romance, alcança um traço arquetípico do intelectual latino-americano preocupado em reduplicar a cultura europeia no Novo Mundo– figuram como personagens Luis Cardoza y Aragon, Elías Nandino, José Gorostiza, Xavier Villaurrutía e José Ferrel, todos, no romance, partidários do modelo europeu de civilização.

Artaud –o intelectual francês que tenta buscar no México elementos para renovar a cultura e a sociedade francesa – manifesta, ao longo da narrativa, seu descontentamento em relação a excessiva absorção dos valores e padrões europeus pelos intelectuais mexicanos, em detrimento dos elementos da ancestralidade cultural. Do cotejo entre essas reflexões e aquelas construídas pelo próprio Silviano Santiago em torno da postura do intelectual latino-americano – e, mais precisamente, do intelectual brasileiro – em face da dependência cultural, pode-se sustentar que são as concepções do próprio escritor que estão acionadas na escrita ficcional. A visão que Artaud passa a ter desses intelectuais sintetiza a crítica feita pelo escritor ao intelectual latino-americano que, diante do modelo ocidental, limita-se a copiá-lo. Ao mesmo tempo, questiona exatamente

o papel do intelectual e a necessidade de manter a independência que lhe permita exercer sua função crítica diante da sociedade.

O romance não deixa de apontar para a existência de vozes dissonantes do discurso oficial que se aproximava cada vez mais da tradição espanhola, oriundas, também, de alguns intelectuais mexicanos. O próprio Octavio Paz (1984) ressalta que alguns intelectuais, no decorrer dos governos revolucionários, deixaram de dar colaboração e formaram grupos de oposição. Desta forma, a personagem Octavio critica a geração de intelectuais que conferiram apoio ao governo pós-revolução e que buscavam uma aproximação com a Espanha, ao dizer, por exemplo, que esses “(...) escritores mexicanos dos anos 20 e 30 têm uma consciência aguda de ser parte do Ocidente e toda a empresa cultural deles pode definir-se como uma tentativa de recuperação e reatualização dos valores europeus na Nova Espanha” (Santiago, 1995: 354). Essa personagem consiste numa referência explícita ao poeta Octavio Paz, apesar do silêncio do nome de família, “(...) que no México [socorre o narrador] na feira livre das interpretações” (Santiago, 1995: 354).

Com esses retratos esboçados no romance acerca do intelectual mexicano da década de 1930, Silviano Santiago leva-nos a refletir exatamente sobre o lugar e o papel do escritor latino-americano na contemporaneidade. Atualizando a proposta da conjunção entre a atuação artística e a atuação política do escritor brasileiro, em entrevista concedida a Eneida Leal Cunha e a Wander Melo Miranda, ele propõe como papel do intelectual latino-americano a reflexão e a ação, ressaltando que esta não está necessariamente vinculada a nenhum partido político (Santiago, 2008b). Quanto ao lugar, considerando-se que o romance critica a reduplicação do modelo europeu e aponta para a impossibilidade de retorno à cultura autóctone, dá ensejo ao “entrelugar” trabalhado pelo escritor em sua produção ensaística, à constituição de uma literatura anfíbia. Ao elaborar o artigo “Híbridos produtivos: Silviano Santiago, sobre a homossexualidade”, publicado em livro organizado em homenagem a Silviano Santiago, Karl Posso assim esclarece sobre a importância do “entrelugar” na construção do discurso latino-americano:

(...) A cópia no Novo Mundo do discurso do colonizador é uma imitação deficiente e, além disso, um tipo parasita; mas, ao mesmo tempo, a ausência desta assim chamada cópia iria prevenir o principal modelo alegadamente completo. Esta assim chamada cópia, portanto, transforma a natureza do então chamado original – a cópia é viral e abole a construção de modelos totalitaristas, abrindo espaço para o jogo do significado. Santiago reivindica que o discurso latino-americano emerge entre o código ortodoxo europeu e a transgressão – não é o ato ou o produto transgressivo em si – por consequência, o discurso latino-americano não é um termo de uma relação, é o *ser* de uma relação, o jogo da diferença. (...) O que temos então são emergências diferenciais que provêm de um reino compartilhado de relacionalidade, aquele do devir (...) (Posso, 2008: 113-114)

Esse, portanto, o fundamento da crítica lançada no romance em direção aos intelectuais latino-americanos, em especial os brasileiros, que se limitam a copiar o modelo e da convocação para efetivação de uma atitude reflexiva, que alie a atuação artística a uma atuação crítica contra as mazelas da moderna sociedade burguesa.

Nesse sentido, o próprio romance *Viagem ao México*, dentre outros textos do escritor, constitui um exemplo de ação reflexiva desde quando se volta para o exame de questões atinentes ao processo de colonização da América Latina, à dependência cultural e à neocolonização.

Bibliografia

Canclini, Néstor García. 2008. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp, 2008. (Ensaio Latino-americanos, 1).

- Deleuze, Gilles. 2006a. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro, Graal.
- Deleuze, Gilles. 2006b. "Platão e o simulacro", em Deleuze, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva. p. 259-271. (Col. estudos, vol. 35).
- Derrida, Jacques. 1991. "A diferença", em Derrida, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas, Papirus, pp. 33-63.
- Derrida, Jacques. 1995. *A Escritura e a diferença*. São Paulo, Perspectiva, Col. Debates.
- Derrida, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Col. estudos, vol. 16).
- Hall, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG.
- Hoisel, Evelina. 1997. "Silviano Santiago e a disseminação do saber", em Souza, Eneida Maria de; Miranda, Wander Melo (orgs.). *Navegar é preciso, viver: ensaios para Silviano Santiago*. Belo Horizonte, UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, pp. 43-49. (Humanitas).
- Hoisel, Evelina. 2008. "Silviano Santiago e seus múltiplos", em Cunha, Eneida Leal (org.). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte, Editora UFMG; São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 143-169. (Col. intelectuais do Brasil).
- Paz, Octavio. 1984. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Silviano, Santiago. 1978. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, Perspectiva, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.
- , 1982. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- , 1995. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro, Rocco.
- , 2004. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte, UFMG.
- , 2008. "O intelectual Silviano Santiago. Entrevista para Eneida Leal Cunha e Wander Melo Miranda", em Cunha, Eneida Leal (Org.). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 171-210. (Col. intelectuais do Brasil).

CV

ANGELA MASCARENHAS SANTOS. MESTRE EM LETRAS E LINGÜÍSTICA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA (2010), NA ÁREA DE TEORIA LITERÁRIA. ATUA COMO PESQUISADORA E PESQUISADORA EM SALVADOR-BA, BRASIL. POESIAS PUBLICADAS EM COLETÂNEAS DE CONCURSOS LITERÁRIOS - UFSJ E EDC PUBLICAÇÕES. ARTIGO PUBLICADO NOS ANAIS DO II COLÓQUIO FILOSOFIA E LITERATURA: FRONTEIRAS.